

## CAPÍTULO UM

### *Annie*

Estou convencida de que os encontros amorosos foram criados por um vilão cruel para torturar a humanidade. Dramática? Nem um pouco. Para os introvertidos como eu, com ansiedade social, todo o processo equivale a depilar as virilhas com cera. Dores menstruais no segundo dia do ciclo. Uma intervenção dentária que não esperavas — e adivinhem: acabou-se agora mesmo a anestesia.

— Mais uma vez, peço desculpa pela cerveja — digo ao homem sentado à minha frente.

— Não há problema — responde ele num tom brusco que me diz que há sem dúvida um problema.

Não está a correr bem. Não que, no passado, tenha corrido bem, mas agora não está mesmo. Acho que desinteressar um homem nos primeiros dez minutos de um encontro é o meu novo recorde. Porque o John, o homem sentado à minha frente cujos polo e calças de cáqui ficaram ensopados e manchados pela bebida que eu, por acidente, derramei pela mesa fora, parece prestes a fugir. Não posso criticá-lo.

Porque achei que era capaz de fazer isto? Há anos que não tenho encontros, e mesmo nessa altura não gostava muito. Sou uma pessoa que evita a todo o custo ser o centro das atenções. Que não se lembra de algo para dizer quando um homem sentado à sua frente a fita com atenção.

Mais uma vez me pergunto: porque estás aqui, Annie?

Ah, certo. Foi o *brownie*. Bem, primeiro apercebi-me de que, mesmo depois de abrir a florista com que a minha mãe sempre sonhou, a sensação irritante de falta-alguma-coisa ainda me persegue. Por isso, decidi que estava na altura de pôr em ação um plano para assentar com a minha pessoa perfeita — porque é o único quadradinho que me falta assinalar na vida. E visto que me tenho andado a babar pelo John (o homem a quem as minhas irmãs e eu nos referimos sempre como o Bancário Bonzão), julguei que ele podia ser o candidato perfeito para o posto.

O posto em questão inclui critérios muito rígidos, baseados no casamento a-rebentar-de-amor dos meus pais. Primeiro, tem de viver nesta pequena cidade e ter raízes aqui, em Roma, Kentucky; segundo, tem de ter um emprego estável; terceiro, tem de ser gentil e apoiar a minha carreira; e quarto, tem de querer uma família.

Essas são as únicas coisas que me importam.

Por isso, da última vez que fui fazer um depósito ao banco, usei o meu Momento de Extroversão Uma-Vez-por-Ano e perguntei-lhe se gostaria de sair um dia destes. Miraculosamente, ele aceitou, e levei a semana seguinte a recuperar do stresse e ansiedade que tal ousadia me provocou.

De qualquer forma, quando propus encontrarmo-nos nalgum lado um pouco distante de Roma, para termos um cenário novo (e manter a nossa terra metediça com um-só-semáforo fora dos meus assuntos), ele sugeriu o Grão de Pimenta, um restaurante agradável a meia hora de carro. Quando o procurei, o Yelp dizia que tinha um excelente *brownie* gigante. Não há nada melhor do que isso.

A sobremesa é literalmente a única razão para continuar aqui sentada, dolorosamente desconfortável.

Adoraria poder mandar mensagens às minhas irmãs e perguntar-lhes o que fazer. Mas, para isso, era preciso que soubessem que estou num encontro, o que me deixaria exposta ao tipo de atenção que tento evitar. No instante em que as minhas irmãs descobrirem a minha missão de encontrar um marido, toda a gente vai saber. Detestava ter a Mabel (a mulher que é como uma avó para mim) a tentar arranjar-me encontros

com todos os solteiros disponíveis que conhece. Portanto, mantenho isto em segredo — como a maior parte das coisas na minha vida.

A única razão para tentar superar a terrível ansiedade social neste momento é estar confiante de que o casamento é a Coisa que falta. Quem dera poder ligar aos meus pais a pedir-lhes opinião, mas, como morreram quando tinha três anos, essa nunca será uma opção.

Assim, sigo o seu exemplo. Casada e feliz aos vinte e oito. Isso dá-me pouco menos de um ano para encontrar a pessoa com quem quero passar o resto da vida.

Infelizmente, primeiro preciso de ter encontros.

Sorriso ao John, na esperança de abrandar a sua irritação por lhe ter molhado a roupa com a minha bebida. Mas sou a Annie Walker: tímida, com ansiedade social, introvertida, mas *pressentindo* que este homem não quer passar nem mais um segundo na minha companhia. E isso faz o meu sorriso parecer uma careta trémula. Imagino que lembre um rosnado. Talvez até tenha as narinas dilatadas.

Não consigo fazer isto.

O John aclara a garganta e ensaia o seu sorriso descontraído. Admito que o dele é melhor do que o meu.

— Então... como é ser dona de uma florista? — Soa entediado.

Quero deslizar o fecho da minha pele, e fazer os meus ossos correrem até ao México. Tenho o coração acelerado, e este restaurante requintado é demasiado ruidoso. Não pertenço aqui. Mas as minhas irmãs, a Madison e a Emily, iam adorá-lo.

— Annie? — insiste o John quando não respondo logo.

Certo! Conversa. Tu consegues, Annie. Não é preciso fechares-te em copas só porque o homem te perguntou sobre um tópico de que tu, na verdade, gostas. Flores. Fácil, fácil.

Engulo em seco e preparo-me para responder.

— Hum... é giro.

O John espera um momento e depois inclina-se ligeiramente, na esperança de que eu continue.

— Mesmo giro — acrescento, para satisfazer o seu desejo de uma frase com mais palavras.

Dizia mais, mas a única coisa às voltas no meu cérebro é o ciclo reprodutor das flores (que acho fascinante), mas tenho a nítida impressão de que o John não é do tipo que se maravilha com as ciências da vida. Por isso volto a fechar a boca.

— Portanto é... mesmo giro? — pergunta, e concordo com a cabeça.  
— Bem, ótimo.

Inspira profundamente, recosta-se na cadeira e afasta o olhar.

Mergulhamos num silêncio desconfortável. Isto levaria a maioria das pessoas a dizer algo — qualquer coisa —, mas não a mim. Paraliso ainda mais. A necessidade de fazer conversa pesa-me demasiado nos ombros.

Sou a caladinha da família. A que tem sempre o nariz metido num livro, porque prefere os mundos onde não tem de interagir com outros humanos. É mais fácil ler sobre relacionamentos do que alimentá-los. Menos perigoso também. Não posso ofender ninguém escrito num livro. Não consigo dizer a coisa errada. E as personagens não me julgam.

Quando o John saca do telemóvel e se põe a mexer no ecrã, percebo que tenho de tentar algum tipo de conversa, ou a noite acaba antes de começar.

— Então, John — digo, e nos dez minutos seguintes basicamente apago enquanto tagarelo sem parar, só recuperando a consciência quando estou a terminar com: — E é por isso que o objetivo primário da flor é a reprodução.

— Uau. *Okay*. Isso foi... muita informação sobre flores — afirma ele, com uma expressão quase assombrada. A minha tentativa de conversa trespassou-o, e ele está a sangrar.

Sorrio timidamente e olho em volta à procura da empregada de mesa. O lugar está tão movimentado que, depois de nos trazer as bebidas, ainda não veio saber o que queremos. Neste momento, dava-me jeito uma interrupção.

Nada.

— Então... hum... pelo menos tens *hobbies*? — pergunta.

Oh, bolas, «pelo menos». Já estou tão distante no seu radar de encontros, que ele procura um «pelo menos» para me redimir nem que seja um bocadinho.

Amachuco o tecido do vestido por baixo da mesa. Tenho um *hobby*, de facto — mas nem as minhas irmãs o conhecem, por isso não vou de certezinha partilhá-lo com este homem com ar de quem sente que passar tempo comigo lhe vai causar desconforto físico.

— As flores são o meu *hobby* e a minha carreira.

— Certo — diz ele inexpressivamente, porque voltei a cortar todas as vias de conversa. Porque sou assim? Preciso de falar. De lhe fazer perguntas! Porque não consigo pensar em nenhuma? O meu cérebro é um quadro em branco, bem limpo.

Mas ele agora tamborila com o dedo na mesa e olha noutra direção.

Num ataque de pânico, despejo a primeira coisa que me vem à cabeça.

— Quero casar-me.

Ah, finalmente, consegui qualquer coisa que capta a atenção do John.

Ele olha para mim, de boca aberta e em choque, porque acabei de mencionar casamento num encontro que já se estava a afundar.

Na tentativa de me redimir, acrescento:

— Oh, não, não contigo! — O meu sorriso esmorece quando vejo o seu rosto a contorcer-se. — Talvez contigo. Quem sabe? Se as coisas correrem bem esta noite, qualquer coisa pode acontecer.

Apercebo-me de que fiz isto soar como se fôssemos de certeza para a cama, e o John tem de me dar prazer suficiente para me conquistar. Fantástico.

— Desculpa... não. Não quis dizer que tens de ser bom sabes no quê... para me casar contigo. Há de certeza uma curva de aprendizagem nesse tipo de coisas.

O seu rosto perde toda a cor porque estou a afundar-me cada vez mais. O John não para de pestanejar, e sem saber como responder. Não há salvação para este encontro.

— Dás-me licença, John? Vou à casa de banho. — E reorganizar-me. E talvez trepar pela janela e fugir.

Ele fica tão aliviado por ficar dispensado da minha companhia por alguns minutos que concorda energicamente com a cabeça.

— Sim, à vontade!

Levanto-me com as pernas trémulas e atravesso o restaurante, sentindo-me, irracionalmente, como se toda a gente ali observasse como o vestido me assenta de forma estranha. É da minha irmã, por isso fica-me comprido. Cola-se a todas as curvas como deve ser, mas depois afoga-me os joelhos e paira a meio da barriga da perna, enquanto à Emily assenta acima dos joelhos. Ela usa-o nos seus muitos encontros bem-sucedidos, porque não tem nem vestígio de ansiedade social. Roubei-o do seu armário e escondi-o na mala, para não reparar quando saí de casa e perguntar aonde ia. Não tinha nada meu para usar, porque nunca saio em encontros elegantes (o último foi há três anos, e correu de forma semelhante a este).

Traria um vestido da minha outra irmã, mas a Madison é do tamanho de uma fadinha, e nem pensar que os vestidos dela me passavam nas ancas.

Depois do que me pareceu uma caminhada de um quilómetro, chego à casa de banho e deixo-me cair contra a parede. O secador automático das mãos dispara junto ao meu ombro, fazendo-me saltar de susto e gritar.

— Muito bem, Annie, recompõe-te. Tu és capaz — digo enquanto me afasto de secadores de mãos e tiro o telefone da mala. Passo o dedo para abrir uma troca de mensagens com a minha em breve cunhada, a Amelia. É a única pessoa que sabe que estou num encontro esta noite.

Desde que a Amelia (talvez a conheçam como Rae Rose, estrela *pop* mundialmente famosa) veio à nossa cidade há pouco mais de um ano e se apaixonou pelo meu irmão mais velho, desenvolvemos um laço instantâneo que não sei bem explicar. Como se ela estivesse destinada a fazer parte da nossa família. Confio nela como confio em poucas pessoas. Razão pela qual lhe envio uma mensagem.

ANNIE: SOCORRO!!!!

AMELIA: Oh, não! Não está a correr bem?

ANNIE: Derramei a minha bebida em cima dele. E depois disse-lhe que me quero casar.

AMELIA: Caramba! Gostas assim tanto dele?

ANNIE: Não, detesto-o.

AMELIA: Mmm, confuso. Podes pirar-te?

ANNIE: Não! Isso ia ser tão mal-educado!

AMELIA: A Em e a Maddie chegam daqui a uns minutos. Diz-lhe que surgiu qualquer coisa e vem ter connosco!

ANNIE: Não lhe posso fazer isso depois de lhe ter derramado uma bebida em cima, e a seguir insinuado que tem de me dar prazer na cama ou não é material para casar.

AMELIA: Oh, meus Deus. Há muito para analisar nisso.

ANNIE: Vou comer depressa. Não comecem a ver o filme sem mim.

AMELIA: Boa sorte! Traz-me um *brownie*. Têm os melhores.

Fortaleço-me ao espelho, penteio para trás o meu cabelo louro e comprido (que está bonito graças ao modelador da Emily, que também roubei), e saio da casa de banho.

Infelizmente, chego à mesa a tempo de ouvir o John a terminar uma chamada que não tem intenção que eu ouça.

— Sim, ela é incrivelmente aborrecida. E um bocado desajeitada e estranha. Tipo zero personalidade. — Escuta a pessoa no outro lado da linha. — Quer dizer, sim, acho-a bonitinha, mas nem sequer quero tentar enrolar-me com ela esta noite porque é tão chata. Por isso liga-me daqui a cinco minutos com uma emergência. *Okay*. Obrigado.

Ardem-me as faces. A senhora na mesa ao lado ouviu tudo e faz-me Olhos de Pena. Detesto. Preferia que se risse. Lido bem com o riso. Os meus irmãos são provocadores profissionais; portanto, fui condicionada para atravessar a vida a rir.

Pena... não.

Respiro pelo nariz para não chorar — porque isso seria a cereja no topo do bolo, não é? — e recuo vários passos. Conto até cinco e, depois de estar recomposta o suficiente, reapareço ruidosamente.

— Voltei!

O John muda de posição e reajusta o guardanapo no colo, com um novo sorriso animado (provavelmente para ser convincente quando se mostrar triste por ter de se ir embora, depois da chamada de emergência).

— Ótimo! Sabes o que queres pedir?

— Provavelmente só um *brownie* — digo, mais para mim do que para o John, antes de, pelo canto do olho, detetar um casal a entrar no restaurante. Olho para cima, e depois volto a olhar.

É... o pirata.



## CAPÍTULO DOIS

### *Annie*

Ou não. Não é um pirata de verdade, mas o Will Griffin — antigo guarda-costas da estrela *pop* Rae Rose —, também conhecida como a noiva do meu irmão, a Amelia. O Noah e a Amelia conheceram-se há pouco mais de um ano, quando o carro dela se avariou no jardim da frente da casa dele. São quase inseparáveis desde então. Por isso, quando, depois da última digressão, a Amelia decidiu mudar-se oficialmente para a nossa cidadezinha de Roma, no Kentucky, para viver com o meu irmão, o Will veio com ela por algumas semanas, até se instalar e a imprensa acalmar. Visto que não havia grande ameaça à sua segurança, o Will foi transferido para garantir a segurança de outra estrela de grande destaque.

Tinha sido guarda-costas da Amelia por cinco anos, com interrupções, conforme ela precisava dele. Durante esse tempo, tornara-se mais ou menos famoso por ser um dos guarda-costas mais bonzões do mundo. E perigoso. Se forem ao Google e pesquisarem Guarda-Costas Bonzão e Perigoso, a fotografia do Will é a primeira que aparece, a par de uma quantidade de vídeos dele a pregar à parede gente assustadora que tentava chegar à Amelia, ou a mostrá-lo a mandar ao chão um tipo que sacou de uma faca quando ele protegia um político. Há montes de imagens e vídeos aterrorizantemente corajosos dele, a fazer o seu

trabalho de forma exaustiva e bem-sucedida. E depois há o artigo no BuzzFeed, que é o meu favorito.

Dedicaram uma peça completa aos muitos estilos do Will Griffin. É basicamente uma quantidade de imagens e GIF em que ele está, ou severo, ou delicioso. O Will aperfeiçoou o equilíbrio entre vou-dar-cabo-de-ti-se-tentares-irritar-me, mas as-minhas-mãos-podem-ser-oh-tão-ternas-no-teu-corpo.

Também há o artigo na revista *People*, a mostrar fotografias dele com várias mulheres, em diversos encontros pelo mundo. E há muitas. Não adoro tanto esse artigo.

A Amelia — a única mulher no mundo que parece imune aos seus encantos — afirma que parece um lutador de rua, mas está errada. A esses faltam-lhes pedaços nas orelhas, e têm dentes lascados e punhos grossos. O Will Griffin é... lindo.

Tem sobrancelhas pretas, escuras e fortes, direitas, sobre maliciosos olhos azul-acinzentados. Um corpo musculado e ágil, e uma boca jovial que o mostra astucioso quando sorri. E há o braço esquerdo, coberto de tatuagens florais em linha preta, belas, intrincadas, que descem pelo braço tonificado e acabam numa borboleta aberta sobre as costas da mão e os nós dos dedos. Não tenho de olhar para confirmar que a borboleta está lá. Estudei-a vezes suficientes para ter memorizado a forma, quando o Will não estava a olhar para mim, ao longo das semanas em que permaneceu na nossa terra.

O Will tem o tipo de rosto que te desafia a irritá-lo, porque ele ia adorar a perseguição — anseia pela aventura. Não, não é um lutador de rua, é um demónio selvagem e diabólico. Um pirata. Pelo menos, nas minhas fantasias. Nessas, ele também tem um brinco e usa calças justas de camurça, com camisa de linho branca de colarinho aberto que revela as tatuagens no peito, as quais assumo que existam.

Por acaso referi que o meu *hobby* é ler romances históricos? Especialmente de piratas.

Quando o Will e a companheira deslumbrante entram no restaurante, parece que o lugar ganha vida. O seu sorriso suave envia um remoinho de eletricidade. Quando pousa a mão no fundo das costas da companheira, sinto um fantasma desse toque na pele. O tempo

desacerela enquanto o Will e a mulher deslizam para a sua mesa — tão confiantes que parecem não reparar que estão todos a olhar. Talvez estejam habituados.

Mesmo no momento certo, o telefone do John começa a zumbir. Sorrio quando ele faz uma representação digna de um Óscar. Baixa os olhos para o telefone, e grava uma pequena ruga entre as sobrancelhas. Deixa escapar um *mmm* cómico.

— Porque estará o meu companheiro de quarto a ligar-me? Importas-te que atenda?

— De maneira nenhuma — respondo em voz fraca, distraída pela visão do Will a tirar o casaco justo do fato e a pousá-lo nas costas da cadeira, antes de arregaçar as mangas da camisa. Meus santinhos, aqueles antebraços são gloriosos.

O John atende o telefone, a voz a pingar alarme:

— Sim? — O seu rosto transforma-se em algo franzido, e imito-o porque também quero um Óscar. — A sério? O que aconteceu?

Ergue um dedo volto-já e levanta-se da mesa, afastando-se para conversar ansiosamente com o companheiro de quarto ou quem quer que esteja no outro lado da linha.

Consigo chamar finalmente a empregada, que parece decidida a evitar-nos a noite toda, e peço a conta e um *brownie* gigante para levar.

Depois ocupo-me a dobrar o guardanapo num quadrado perfeito.

— Annie? — diz uma voz familiar de homem.

O meu coração solta, e levanto a cabeça a fim de olhar para os olhos místicos do Will Griffin. Nunca o ouvira dizer o meu nome... foi mágico. Nem planeava cumprimentá-lo porque não tinha a certeza de que ele se lembrasse de mim.

Como guarda-costas da Amelia, ele mostrava-se sempre concentrado. Claro que sorria com educação e piscava o olho às senhoras idosas, fazendo a Mabel quase desmaiar; mas nunca se envolvia em conversa. Mantinha-se por perto, com os seus óculos de aviador de lentes espelhadas, e parecia pronto para levar com uma bala pela Amelia a qualquer momento. Fico arrepiada só de pensar nisso.

— Will Griffin. És tu. Olá.

Ele sorri.

— Annie Walker. Olá de volta.

— O que fazes aqui? — Olho em redor, na esperança de ver a Adele, mas não. Só a morena deslumbrante que veio com ele, a estudar a ementa. Fixo o Will outra vez, e é quando o meu olhar desliza por ele. As calças do fato à medida ajustam-se bem às coxas musculadas, e uma camisa preta e justa cobre a metade de cima. Cola-se aos ombros, está desabotoada no colarinho e tem as mangas arregaçadas. Uma manga artística de flores de magnólia e folhagem espreita por baixo da sua camisa e desce até ao pulso.

— Por acaso, estou num encontro — diz ele, apontando para a senhora encantadora sentada à sua mesa.

— Estás num encontro a trinta minutos de Roma? É coincidência?

Ele sorri, e dois vincos — não exatamente covinhas — emolduram o seu sorriso, como se até o seu corpo compreendesse como o seu sorriso é extraordinário e quisesse enfatizá-lo.

— Na verdade, não. A Gretchen e eu estávamos de passagem e encontrámo-nos por esta noite, e amanhã vou para Roma. A Amelia não te contou? Fui-lhe atribuído outra vez por uns tempos.

— Ah. Não sabia. — Porque não me contou? Por outro lado, por que razão me contaria? Ninguém sabe que tenho um fraquinho pelo Will desde que o conheço.

— Com a aproximação do casamento, a equipa dela antecipa a presença de mais *media* na tua pequena cidade. Querem-me por perto, pelo sim, pelo não.

— Ótimo. Fico feliz por estares de volta. — E depois apercebo-me de como soa e acrescento: — Quer dizer, pelo bem da Amelia.

Ele sorri gentilmente, e o meu estômago dá uma volta.

Engulo em seco.

— E é agradável ficares perto da tua namorada por uns tempos — digo, tentando distraí-lo de ter admitido acidentalmente que me sinto feliz por ele estar aqui outra vez. Perto de mim.

Ele lança um olhar rápido sobre o ombro e volta a olhar para mim.

— A Gretchen não é minha namorada. É só um encontro.

Mas ele disse que ia passar a noite com ela...

Ah! Certo! É só um engate. Fixe, fixe, fixe. Fixe e normal, e a ideia de o Will a tirar a roupa toda não me deixa nada a pele a arder e esquisita e com formigueiro.

— Estão estás aqui sozinha? — pergunta, os olhos a deslizar sobre mim e depois sobre a mesa e a cadeira vazia.

No momento seguinte, o John regressa à mesa. Antes de ele abrir a boca, falo por ele.

— Bem, estava num encontro. Mas acho que o John vai-se embora porque tem uma emergência. — Reparo nos olhos arregalados do John. Agora acha que sou psíquica. — A tua casa está a arder? A tua avó foi para o hospital? Ou o teu companheiro de quarto tem um pneu furado? — pergunto alegremente.

Ele hesita um segundo.

— Hum... é a do pneu furado.

Lá se foi o Óscar. Sob o olhar subitamente sombrio do Will, as capacidades de representação do John murcham tão depressa como a coragem.

— Detesto quando isso acontece — digo com generosidade enquanto a empregada traz a nossa conta e o meu *brownie*. Pousa-os, olha para o Will e volta a olhar. Fica momentaneamente chocada com o seu aspeto atraente. Põe-te na fila, mulher.

— Bem, John, boa sorte a ajudar o teu amigo. Faz boa viagem! — Estendo a mão para a mala, a fim de tirar a carteira e pagar a minha bebida e a sobremesa antes de me ir embora, mais do que desejosa de sair dali e pôr o encontro para trás das costas.

O John remexe-se e bate com as chaves na perna.

— Sim. Obrigado por compreenderes.

— Na boa. — Faço-lhe um aceno de despedida, ainda à procura da carteira.

Levanto o olhar quando ouço um resmungar e vejo o ombro do Will a pressionar levemente o peito do John, impedindo-o de se afastar, como pelos vistos ele tentava fazer. A cabeça do Will inclina-se em direção à mesa, nalguma Língua Masculina muda, e a seguir o John mete a mão no bolso de trás, tira a carteira, e atira uma nota de cinquenta dólares para cima da mesa.

— Hum... trato da conta, já que tenho de ir.

— Mas derramei...

— Tudo bem. Tem uma boa noite, Annie.

O John vai-se embora tão depressa que deixa um rasto fumegante no tapete.

Ponho a mala ao ombro e levanto-me. O Will ainda não se mexeu, e nunca me tinha apercebido, até este momento, de como é alto. Só lhe dou pelo ombro. Mas isso não é difícil quando se tem um metro e sessenta.

— Estás bem? — pergunta o Will, de sobrancelhas franzidas.

Sorrio.

— Sim. Porque não haveria de estar?

— Porque parece que aquele parvalhão inventou uma desculpa para se pirar?

— Ah. Sim. Sem dúvida.

Os olhos do Will observam-me com atenção, à procura de sinais de angústia.

— E isso não te incomoda?

Penso nisso e respondo com honestidade.

— Só um bocadinho. Nenhum de nós se estava a divertir. Não queria que ele ficasse parecendo infelicíssimo. — Encolho os ombros. — Espero que recupere a noite.

O Will solta uma gargalhada breve e incrédula.

— Falas a sério?

— Não devia?

Ele sorri, e o sorriso acerta-me outra vez no fundo do estômago.

Caramba, como seria namorar com um homem destes? Todo carisma e confiança. Eu ia passar vergonhas de certeza.

— Acho que talvez sejas demasiado simpática? — diz ele como se fosse uma pergunta.

— As minhas irmãs iam concordar contigo, mas uma espreitadela à minha cabeça no trânsito... — Assobio ligeiramente e deixo a vilania implícita.

— Então e tu? Agora vais ter uma noite má?

— Alguém pode mesmo ter uma noite má com um *brownie* gigante para comer no caminho de regresso a casa? — Levanto a embalagem de plástico como prova.

Oh, não. Está a fazer-me Olhos de Pena.

— Sim. Isso torna sem dúvida as coisas piores. Queres jantar comigo e com a Gretchen?

Isso faz-me rir alto.

— Não... obrigada, mas nunca na vida. Ia ser demasiado embaraçoso — digo, avançando devagar para a saída do restaurante. O Will segue ao meu lado, e não percebo bem porque está ainda a falar comigo. Ah, pois, pena. — Não te preocupes comigo. A sério. Vou ter uma noite espetacular. Tenho um livro que queria terminar.

É uma meia-verdade. Vou chorar devido à ferroada das palavras do John, mas depois tenho um romance picante para terminar, no qual um pirata acabou de raptar uma dama, e ela está prestes a virar o seu mundo do avesso com observações espirituosas e uma personalidade fascinante.

— Um livro — repete, incrédulo.

— Ah-um.

— Um livro vai ser divertido?

Rio-me baixinho enquanto continuamos a andar.

— És um dos não leitores? Garanto-te que o filme nunca é melhor.

— Não diria que sou um não leitor. Ler só não me chamou a atenção até agora.

— Mas chamou agora? — pergunto, esperançosa, olhando-o de relance.

— Talvez. — Ele sorri.

Chego à porta e acho que é o momento em que o Will e eu nos despedimos, mas, para minha surpresa, ele inclina-se, abre a porta, olhando para trás, para a sua companhia, à espera do sinal de que não faz mal acompanhar-me até lá fora. Ela faz-lhe um pequeno aceno em concordância. Rapariga simpática.

O ar está quente e húmido, como acontece todas as noites de verão no Sul, e os meus saltos tamborilam no passeio de cimento. Rio-me. Não é de maneira nenhuma a banda sonora habitual na minha vida. A minha

escolha normal de calçado é um par de *Converse* brancos. Vestuário: uma das minhas cinco jardineiras de cores diferentes, com *T-shirt* por baixo. Se procurarem a palavra confortável no dicionário, encontram uma foto minha.

— Então que livro vai ser? — pergunta o Will quando chegamos à minha carrinha e eu tiro as chaves.

Solto uma gargalhada.

— O quê?

— Que livro vais ler esta noite?

Deito um olhar breve para o restaurante, perguntando-me por que raio está ele aqui fora a tentar juntar-se ao meu clube de leitura secreto, em vez de lá dentro com a sua companhia. Quase parece querer empatar — prolongar a conversa. Mas não, de certeza que está só a ser gentil. De maneira nenhuma um homem como ele estaria interessado numa mulher que acabou de ser largada a meio de um encontro, por ser incredivelmente aborrecida, só bonitinha e nem sequer material para levar para a cama. De certeza que o Will só está a prestar um pouco de atenção à rapariga simpática antes de seguir o seu caminho.

Semicerro um olho e sorrio.

— Bem, dizia-te, mas depois teria de te matar. E não sou fã de assassínios; portanto, acho que vou guardar segredo.

O Will solta uma gargalhada. Não faz ideia do que pensar de mim. E isso aplica-se a ambos, porque me apercebo de que tenho uma conversa fácil com o Will Griffin e não faço ideia de como consigo. Só sei que, por alguma razão, é fácil.

— Bem, vale o que vale, mas espero que te divirtas a ler o livro.

O Will abre-me a porta da carrinha e sinto-me momentaneamente triste porque apenas estes cinco minutos com ele foram melhores do que qualquer encontro que tive, e no entanto não vou voltar a tê-los.

E agora, em todos os encontros, vou manter a esperança de que me abram a porta... o que não vai acontecer, porque metade das mulheres do mundo detesta quando um homem lhe abre as portas e a outra metade adora, o que resulta no homem entrar em pânico e disparar para o seu lado da viatura sem perguntar o que a mulher de facto prefere.



Nunca tive preferência, mas agora, depois do Will o ter feito, estou decididamente na coluna do *gosto*.

Espero que o próximo encontro tenha olhos azul-acinzentados como os do Will — não qualquer tom de azul-cinza, mas um com um perigoso rebordo preto. Nem sei bem o que isso quer dizer, só que sinto até aos dedos dos pés que esse rebordo é perigoso.

É possível que ande a ler demasiados romances.

Sorriso.

— E espero que te divirtas com a Gretchen em todas as tuas aventuras amorosas.

Oh, raios. Faço uma careta quando os olhos do Will se arregalam.

Se ainda não tiver ficado claro, sou virgem. Parece importante registar isso neste momento.

— Provavelmente não devia ter dito isto. Desculpa. Falta de jeito residual de primeiro encontro. Vou-me embora antes que te fale da reprodução das flores.

O Will não se encolhe nem afasta o olhar. Sorri abertamente, e o sorriso desliza para a parte carnuda do meu coração, fazendo-o inchar como um dispositivo de flutuação de emergência.

— Bem, acho que te vejo por aí, Annie.

— Acho que vês.

Depois salto para a carrinha. Mas um bocadinho alto demais e bato com a cabeça na estrutura da porta.